

**DUAS MIRADAS: O NAVEGANTE E O CONDUTOR DO NAVIO.
REFLEXÕES SOBRE O WEBSITE DA REDE INTERNACIONAL DE
PESQUISADORES IMAGENS, GEOGRAFIAS E EDUCAÇÃO**

Ingrid Gonçalves
Universidade de São Paulo
ingridgoncalves85@gmail.com

Valéria Cazetta
Universidade de São Paulo
vcazetta@gmail.com

1. [(Metá...)+Linguagem(...fora)]

Imagine ou apenas perceba: você um computador(máquina técnica), conectados à internet. Pense sobre o potencial de expansão desse agenciamento. Consideremos duas miradas: a do navegador e a do condutor do navio, inventemos um “corpo com asas”; carne conectada com próteses, uma espécie de “corpo-máquina-www”. Neste exercício, coloque-se como o navegador; os websites que você visita, são os navios; e, os administradores dessas páginas, os condutores das respectivas embarcações. O navegador, visitante dos websites, está à deriva, acompanhando o fluxo da experiência de navegação. Imaginemos que o corpo-navegantetambém pode voar, comoum pássaro, por vezes a pousar nestes websites: “navios-construções” “edifícios-www”. Qual é o tempo de permanência desses pousos? O condutor, por sua vez, mescla atenções cruzadas e simultâneas entre condições exógenas e endógenas à embarcação, objetivando determinar fluxos de hospitalidade aos navegantes, relacionados diretamente com o período de permanência nos navios,ou, rumando para outra gramática, com o tipo de atenção utilizada pelo pássaro no pouso.

Inspiramo-nos aqui na ideia de atenção de Virgínia Kastrup (2009) ao abordar os tipos de atenção do cartógrafo na experiência do trabalho de campo: o rastreio, o toque, o gesto de pouso e o reconhecimento atento. O rastreio é o acompanhamento de processos mais amplos, de “mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo” (Kastrup, 2009, p. 40) e está imiscuído à percepção háptica. Esta, por sua vez, vai para além de uma análise visual, mas, que, compreende o ato de perceber por meio dos diversos sentidos ao entrelaçar visão, audição, tato e buscando perceber para além das formas prontas, as forças que atravessam a exploração e observação empreendidas. O toque é algo percebido e que “pode tornar-se fonte de dispersão, mas também de alerta”, que “se destaca e ganha relevo no conjunto” (Kastrup, 2009, p.42), anuncia-se, como um chamamento da visão mais ampla do rastreio para “algo que acontece e exige atenção [...] uma rugosidade, um elemento heterogêneo”. O gesto de pouso novamente altera a escala perceptiva, trata-se de um plano mais fechado, “o campo de observação se reconfigura” (Kastrup, 2009, p. 43). O reconhecimento atento não se satisfaz com a lembrança de representações prontas e acabadas, que poderiam levar ao trajeto efetivado pela ideia de reconhecimento automático, perceptora das formas úteis, apartada de particularidades do objeto. O reconhecimento atento é entendido como “uma espécie de ponto de interseção entre a percepção e a memória” (Kastrup, 2009, p. 46), a busca de imagens semelhantes “ocorre na forma de circuitos”, uma percepção, evoca outra, em diversas localidades da memória, realçando processualmente as linhas do objeto.

No gesto de pouso, Kastrup (2009) apoiada em Vermersch, apresenta cinco janelas-tipo: a paisagem, o pátio, a sala, a página do livro e a jóia. A paisagem é panorâmica, como um plano geral conectando elementos em diferentes escalas e distâncias. A janela-pátio compreende uma localização com um zoom um pouco mais fechado, “é preponderante na atividade do caçador” (p.44). A janela-sala divide um pouco mais a atenção, associa movimentos múltiplos de “graus de nitidez diferenciados” (p. 44). A janela-página, atribui à atenção um aspecto um pouco mais próximo ao plano dos detalhes, o zoom se fecha um pouco mais, se o movimento partir de campo aberto e seguir em busca de um foco atencional; também pode consistir em uma “entrada no campo perceptivo” (p. 44), se a movimentação se der de maneira oposta, do micro ao macro. A jóia é o plano fechado, é a esfera micro da atenção e “funciona na escala da atividade do joalheiro, da bordadeira e do leitor minucioso” (p. 43).

No presente trabalho, propomos um exercício onírico conforme supracitado, (re)inventando um corpo háptico e também, uma reflexão prática acerca da organização da página do Pólo São Paulo, localizado no “website-navio” da Rede Internacional de Pesquisadores *Imagens, Geografias e Educação*. Por meio da interação entre as janelas indicadas no pouso, entrelaçaremos as experimentações organizacionais da referida página.

1.1 Iniciando a navegação

Enquanto navegante à espreita, as possibilidades são infinitas. De uma atenção-macro, para um foco-micro, você puxou um fio, riscou linhas, em busca de algo, de uma coisa...que coisa? Como o astronauta descrito por Belting (2014), com o corpo “embrulhado e prisioneiro em sua armadura”, preparando-se para caminhar sobre a lua, “num ambiente em que corpos não tem lugar”, a armadura como fusão, como elemento simbólico da relação do homem com o mundo (p. 123-124), você, ao pesquisar informações acerca de um determinado assunto na internet, decide o fio que irá puxar, pluga o corpo à máquina e à conexão da internet, transformando a tua linguagem, em linguagem legível pelo equipamento; concatenação “hardware-software-www”, para acessar a world wide web.

Consideremos, para facilitar a deriva, que você esteja em um lugar confortável, que o computador esteja em boas condições de funcionamento e que o serviço de internet seja veloz, de modo a propiciar um ritmo frutífero às necessidades do usuário, próximo ao fluxo que te habita o corpo neste dado presentemomento. Você resolve efetuar uma busca sobre determinado assunto e chega a um território de aterrissagem: um website. O que determinará o ritmo, a intensidade e o tipo de atenção investido em cada pouso?

1.2 Arquitetura da Informação

Podemos pensar por meio da gramática da Arquitetura da Informação. Destacamos a visão estrutural de Vidotti e Sanches (2004), da arquitetura como uma maneira de se pensar os espaços, a disposição das estruturas, de que forma iremos nos locomover e transitar.

Pensando como um usuário – um navegante em nossa metáfora-, um website seria uma espécie de “terreno”, abrigando uma construção, de modo que a concepção

arquitetônica desta edificação, tende a influir diretamente no período de pouso dos navegantes. Avançando da ideia de arquitetura, para a concepção de arquitetura da informação, que trata da organização espacial, transposta para o ambiente da rede mundial de computadores, mais especificamente, websites,

é deste modo que a Arquitetura da Informação atua sobre os web sites, determinando primeiramente público e objetivos, e a forma de atingi-los com eficácia e eficiência. Por meio de desenhos, tenta-se traçar, pensando como um usuário, os possíveis caminhos que podem ser utilizados, identificando o que pode ser interessante e o porquê, tendo sempre uma percepção sensível às suas necessidades. (Vidotti e Sanches, 2004, p. 02)

Resolvido o edifício, passemos à “estratégia de hospitalidade”, para receber “navegantes-corpos-www” no navio. Propomos chamar de hospitalidade, a maneira como as jóias serão apresentadas e disponibilizadas, como as janelas do navio se interconectam, como se navega pelo navio, como se articulam os percursos, etc. Vidotti e Sanches (2004), aliam arquitetura da informação à conhecimentos da biblioteconomia, “de modo a criar sistemas de armazenamento, descrição, representação, indexação, recuperação e disseminação de informações digitais que possibilitem a construção e a disseminação de conhecimento” (Vidotti e Sanches, 2004, p. 06). Propomos aproximar os pesquisadores da Rede Internacional Imagens, Geografias e Educação à uma ideia de organização cartográfica de seu website, considerando para tal, uma “gramática” da atenção, conforme esboçaremos a seguir.

1.3D’Atenção

Kastrup (2009), no texto *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, delinea a construção da atenção no processo de “coleta de dados” de um pesquisador, que, por mais que se trate de uma produção dos dados, “um caso de criação do que já estava lá” (Kastrup, 2009, p. 34), essa atenção funciona, em partes, por meio de uma *atenção flutuante* (noção freudiana), com *reconhecimento atento* (noção bergsoniana) e *atenção à espreita* (noção deleuziana). O funcionamento da atenção pode ser guiado por políticas cognitivas realistas (que tomam o mundo como “pronto”) e construtivistas (que o concebem como invenção). “A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção” (Kastrup, 2009, p. 35). A noção freudiana de *atenção flutuante* refere-se à atenção “uniformemente suspensa”, que se define por “prestar igual atenção a tudo”, que se opõe à focalização (Kastrup 2009, p.35-36). Freud associou esta atenção à audição do analisando pelo analista, sendo que para a cartografia, numa acepção rizomática, utilizar “outras modalidades sensoriais além da audição, como é o caso da visão, exigirá explorar um desdobramento da contribuição freudiana” (p. 36). Na esteira de Husserl, Kastrup (2009, p. 37) abordou, no caso do setting clínico, o conceito de suspensão, constituindo-se como “atitude de abandono”, pois em prol da narrativa do paciente o analista refreia o fluxo de seu pensamento, um ato que não significa esquecimento, mas, um estado em que tudo é digno de atenção, afinal, não é preciso compreender imediatamente, mas registrar, estar aberto. “A atenção tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata” (Kastrup, 2009, p. 39).

E quais são as atenções do cartógrafo? Para Kastrup, “parece ser possível definir quatro variedades [...] o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento” (Kastrup,

2009, p. 40). A atenção-rastreamento é aberta, “é um gesto de varredura no campo”. Ela acompanha todas as movimentações, sem focalizar um alvo, é uma percepção háptica: que percebe “mudanças de posição de velocidade, de aceleração, de ritmo [...] um bloco tátil-sinestésico que envolve uma construção a partir de fragmentos sequenciais” (Kastrup, 2009, p. 40-41). Para Guattari e Deleuze (2012b, p. 217), o háptico “é um termo melhor do que tátil, pois não opõe dois órgãos dos sentidos, porém deixa supor que o próprio olho pode ter essa função que não é óptica” e, um espaço háptico, “pode ser visual, auditivo, tanto quanto tátil”. No toque, algo é percebido, uma força de afeto emerge, um elemento heterogêneo e convidativo desponta, um processo que pode levar um certo tempo para ocorrer, capaz de ser identificado por diferentes entradas, um elemento anômalo, como apontado Guattari e Deleuze, um elemento que sai do coletivo, da regra, assim como um lobo solitário que sai da matilha, aquele excepcional, o “desigual, o rugoso, a aspereza, a ponta de desterritorialização [...] uma posição ou um conjunto de posições em relação a uma multiplicidade” (2012a, p. 26-27), que “não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado” (Kastrup, 2009, p. 43). O reconhecimento atento é a queda da suspensão: algo é pinçado e observado em seu movimento processual e não representativo. Difere do reconhecimento automático, que trafega por vias já conhecidas. Perturba lembranças imagéticas, evoca a percepção, “realiza um trabalho de construção [...] da percepção através do acionamento dos circuitos e da expansão da cognição [...] A atenção atinge algo ‘virtualmente dado’” (Kastrup, 2009, p. 47). O pouso não pode ser confundido com um zoom, é uma mudança na escala da sensação, “mudamos de janela atencional” (p. 43). A ideia de janela remete à uma marcação mais pontual da atenção, uma delimitação que fecha uma espécie de zoom, sob diferentes ritmos e intensidades, para ampliar o foco, em outras direções. Para o artista brasileiro Márcio-André, uma janela é uma “máquina de horizontes [...] Para ser algo, a janela precisa deixar de ser algo”, não é cortina, parede e nem mesmo porta; uma janela essencialmente nomeia “algo que se ausenta para permitir outras visões”¹.

Por meio da compreensão das tipologias de atenção propostas por Kastrup (2009), especificamente a proposta das cinco janelas-tipo (paisagem, pátio, sala, página do livro e jóia), bem como a concepção de Vidotti e Sanches (2004) sobre a organização estrutural da arquitetura da informação, propomos observar e descrever o processo de produção da página do Pólo São Paulo, no website da Rede Internacional de Pesquisadores *Imagens, Geografias e Educação* (Rede Geoimagens).

2. Percursos e o plano de voo

Buscamos experimentar as gramáticas heterogêneas supracitadas (a arquitetura da informação e o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo), por meio das cinco janelas-tipo (paisagem, pátio, sala, página do livro e jóia), de modo a implicar e facilitar a relação organizacional com o website. Explanaremos sobre como temos experimentado organizar: jóias-arquivos; galerias de imagens e textos; estruturas internas das páginas e abas; macro-conexões da home page; intra-conexões com o provedor; e por fim a interação com a world wide web. Refletiremos sobre as duas miradas propostas (a do navegante e a do condutor do navio), por meio da: apresentação de detalhes observados em outros websites; condução da página do Pólo São Paulo; noção

¹Ensaio “Hopper e a máquina de horizontes”, de Márcio-André. Disponível em: <http://www.marcoandre.com/textos_ensaios_hopper.htm>

de “navegante com o óculos da Arquitetura da Informação”; e por fim, mirada do condutor com os tipos de atenção-pouso na caixa de ferramentas.

A ferramenta administrativa do website da Rede Geoimagens (www.geoimagens.net) é o wix -“plataforma de criação de sites do tipo ‘arraste-e-solte’²” - que se apresenta como simplificadora da experiência de criação de websites, pois não é necessário entender de linguagens de programação como HTML, por exemplo, para desenhar seu próprio site-navio. No entanto, a experiência de pilotar a nave do Pólo São Paulo, exige certa prática e treino, por meio de experiências constantes entre corpo, máquina e plataforma administrativa (wix), tendo em vista que os comandos foram percebidos como simples, conforme a proposta do wix, somente depois de mapeados e vivenciados pela condução organizacional da página.

3. A mirada do navegante com os óculos da arquitetura da informação

A Arquitetura da Informação organiza-se a partir de sistemas de organização, navegação, rotulagem e busca, que, visando disponibilizar informações, adequa “o dimensionamento e o direcionamento dos serviços e dos produtos informacionais aos usuários potenciais” (Vidottie Sanches, 2004, p. 02). A organização de um site é a maneira como os conteúdos estão dispostos e a forma como as informações estão distribuídas. A navegação, sistema de extrema importância no planejamento de um website, é a forma de interação do usuário com o ambiente e com o conteúdo disponíveis, a maneira como o usuário trafega e se relaciona com o ambiente do website. Rotulação refere-se à nomenclatura selecionada para apresentar os botões e títulos, nomear as páginas e identificar conteúdos para facilitar, assim, o acesso às informações oferecidas na webpage. O ato de buscar informações em um website relaciona-se à maneira como você se locomoverá para encontrar os conteúdos que precisa acessar, “baseado no sistema de rotulagem, o sistema de busca auxilia na localização e no acesso direto às informações armazenadas em um web site” (Vidotti e Sanches, 2004, p. 03). Verifiquemos três casos de websites para compreender algumas possibilidades de organização das informações com as lentes da arquitetura da informação supracitadas: Submarino, TokStok e EACH-USP.

O site de compras Submarino³, reproduz a maneira como a empresa organiza os produtos. Observando a imagem 1, percebemos a distribuição do “estoque”, a partir da rotulagem do menu (moda, livros, games, eletrodomésticos, etc): somos convidados, como em um grande mercado presencial, a trafegar por sessões de produtos (moda, livros, eletrodomésticos, games etc), bem como estimulados a compreender as divisões dos setores da empresa para, a partir daí, encaixar tal lógica comercial em nossa percepção, nas necessidades e nos usos que faremos do produto adquirido, ou seja, como o perceberemos no ambiente pessoal (casa, escritório, etc) em que tal item será utilizado.

²<http://pt.wix.com/about/us>

³No site do Submarino (<http://www.submarino.com.br/>) procuramos alguma menção oficial sobre o que é o site, por exemplo, “Quem Somos”, ou mesmo “Missão” etc, mas percebemos que tais informações inexistem no referido site.

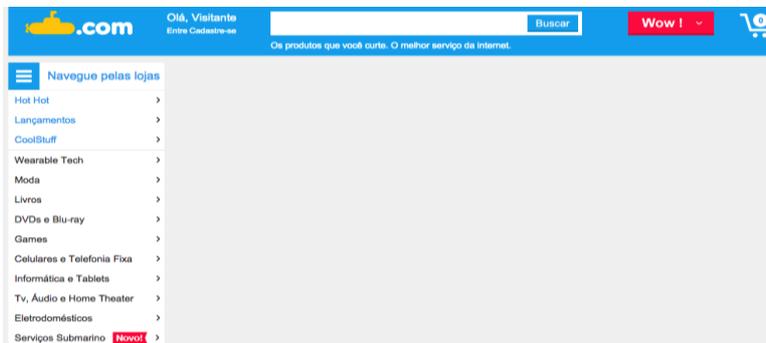


Imagem 1: Destaque em Print screen de acesso ao site Submarino. (Acesso em 08/09/2015).

O site da TokStok utiliza outro ponto de partida para organizar suas informações, a rotulação dos menus não assume um discurso de “estoque”, mas tenta implicar o navegante, traçando o espaço da loja virtual como um elemento comum— sendo comum, “aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos” (Kastrup e Passos 2014, p. 15). A rotulagem, nesse caso, se deu por meio de categorias como: *hall; estar e home cinema; jantar; quarto; banheiro* etc. A percepção é que desta maneira, como contraponto ao comentário anterior sobre o site do Submarino, primeiro imaginamos onde utilizaremos o produto (jantar, bar, cozinha, quarto, banheiro, etc) para depois efetuar a busca no site, de modo que não é necessário uma imersão na lógica organizacional da empresa para navegar.

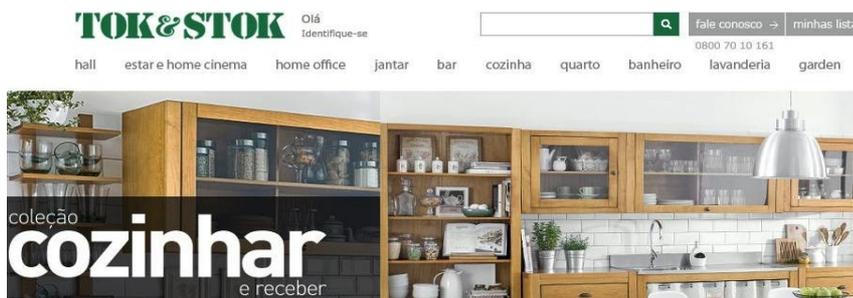


Imagem 2: Destaque em Print screen de acesso ao site Tok&Stok (Acesso em 08/09/2015).

No site da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), as informações são organizadas como um retrato da estrutura organizacional da instituição. De certa forma, de maneira análoga à do site do Submarino, para navegar no site da EACH se faz necessário que o usuário conheça previamente, ou ao menos tente descobrir, como funciona a estrutura da instituição, pois o site divide em sua home page, as informações a partir da estrutura organizacional da universidade: Graduação, Pós Graduação, Pesquisa, Cultura e Extensão.



Imagem 03: Destaque de Print screen de acesso ao site da EACH (Acesso em 08/09/2015).

4. A mirada do condutor: atenção-pouso na caixa de ferramentas

4.1 O corpo-háptico nas cinco janelas-tipo dos pousos

Criar meu web site.
Fazer minha home-page.
Com quantos gigabytes
se faz uma jangada
um barco que veleje
que veleje nesse infomar
que aproveite a vazante da infomaré
que leve um oriki do meu velho orixá
ao porto de um disquete de um micro em Taipé [...]
(Gilberto Gil – Pela internet)

Façamos um mergulho, não necessariamente de cima para baixo, mas, como um corpo alado, que também mergulha, navega, tateia: as possibilidades sensoriais são múltiplas. “Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*” (Kastrup, 2009, p. 33), portanto metamorfoseie a imagem representativa de um pássaro mergulhando no ar, de cima para baixo, para outro patamar derivativo, amplifique: inicie de uma ameoba, que se movimenta “por sensações diretas, por ações de forças invisíveis como pressão, estiramento, dilatação e contração” (Kastrup, 2009, p. 41), invente o teu corpo-háptico.

Em altitudes elevadas no voo ou mergulhados em mares profundos, durante uma navegação na rede mundial de computadores, avistamos algo relacionado à coisa buscada, que nos chama, um elemento anômalo à massa de informações e nosso “corpo-máquina-www”, a uma “pista de pouso”, que pode ou não, ser uma home page de determinado website. Para este exercício onírico, suponhamos que tenhamos pousado na porta de entrada principal do navio: *paisagem* -home page da Rede Geoimagens (Imagem 4). Deslizamos um pouco o corpo e selecionamos um pólo da rede para um passeio mais específico. Outra janela se abre: o *pátio* - home page do Pólo SP (Imagem 5). Ali avistamos várias “portas de entrada” para outras janelas, dispostas de maneira enfileirada na parte superior: as *salas*-ou como o Pólo São Paulo tem chamado: as “abas temáticas” (Imagens 5, 6 e 7: *Fotografias, Vídeos, Banners, Textos, Mapas, Experimentos, Contato*). Essas janelas-salas reúnem conjuntos de *páginas de livros*, estruturas internas que organizam as jóias (galerias de imagens, textos e as próprias abas do site que as contém, ao mesmo tempo que as organizam). A ideia de *página de livro* aqui, é próxima da noção de uma “caixa de jóias”, abordada em duas acepções: uma caixa de jóias como um recipiente que contém e organiza os objetos-jóias; e uma caixa de jóias que além de conter e organizar, constitui-se também em outra coisa, afinal, uma joia pode transmutar-se em desejos e possibilidades que se espraiam para além de uma representação formal e figurativa. Como exemplo, mencionamos o trabalho de designer de jóias, da artista brasileira Mana Bernardes, que entende as jóias que faz não como produtos-fins, mas como meios, processos, constantemente “se transformando em outra coisa, virando escultura, instalação, trabalho de educação, sempre a partir de um pensamento poético⁴”. A página principal do Pólo São Paulo, funciona de maneira análoga à esta segunda acepção, espécie de “sala-página-de-livro”, ao expor portas de entrada para as janelas-salas (Imagem 6), ao mesmo tempo que contém algumas jóias dispostas, como a lista de dados dos

⁴<http://manabernardes.com/textos/joias/>

participantes, o arquivo com o projeto da RedeGeoimagens, a “joia-logotipo”, etc (Imagem 5) – uma caixa de joias que se permite também atuar como uma espécie de máquina de horizontes, conforme descrito por Márcio-André.

E o que são as *joias*? Conforme nos ensinou Kastrup, esta janela se abre para o detalhe, “é uma janela micro, que funciona na escala da atividade do joalheiro, da bordadeira e do leitor minucioso” (Kastrup, 2009, p. 43). Em nossa experimentação, consideramos como joias textos, as fotografias, os vídeos, os experimentos, o formulário de contato. A unidade mínima, o objeto a ser percebido, a obra-prima a ser apreciada, a razão de ser de toda a estrutura anterior.



Imagem 4: Print screen de acesso ao site Geoimagens. (Acesso em 9/09/2015).



Imagem 5: Janela-pátio. Print screen de acesso ao site Geoimagens, Pólo SP. (Acesso em 09/09/2015).



Imagem 6: “Portas de entrada” para as salas. Print screen de acesso ao site Geoimagens (Acesso em 09/09/2015).

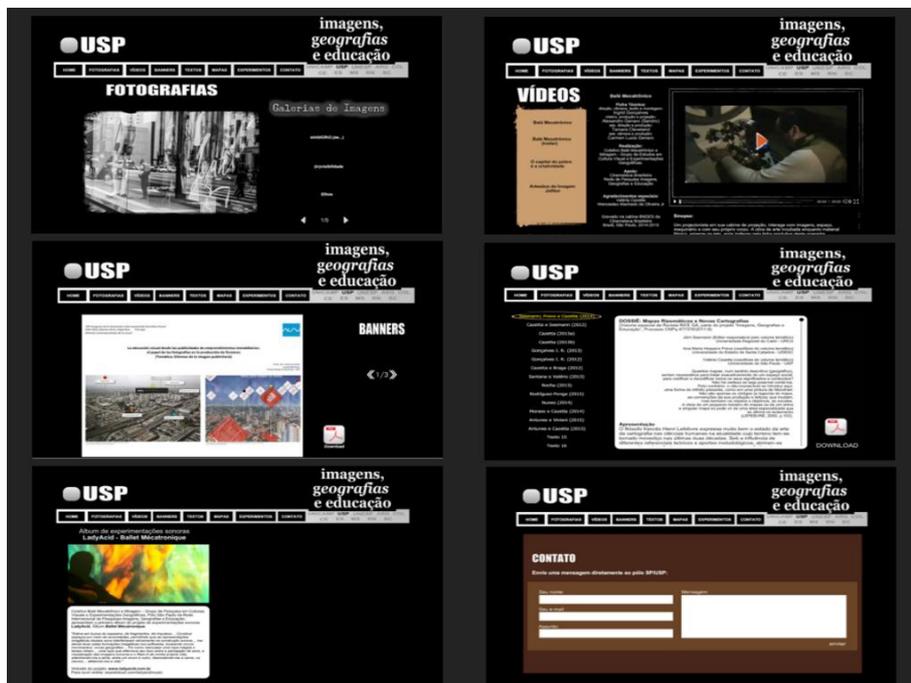


Imagem 7: As salas. Print screen de acesso ao site Geoimagens. (Acesso em 09/09/2015).

As *páginas de livro* contém, por sua vez, o que chamamos de “conjuntos de joias”, organizados de acordo com uma lógica de hospitalidade que permita ao “corpo-máquina-www”, deslizar e acessar essas joias (Imagem 8).

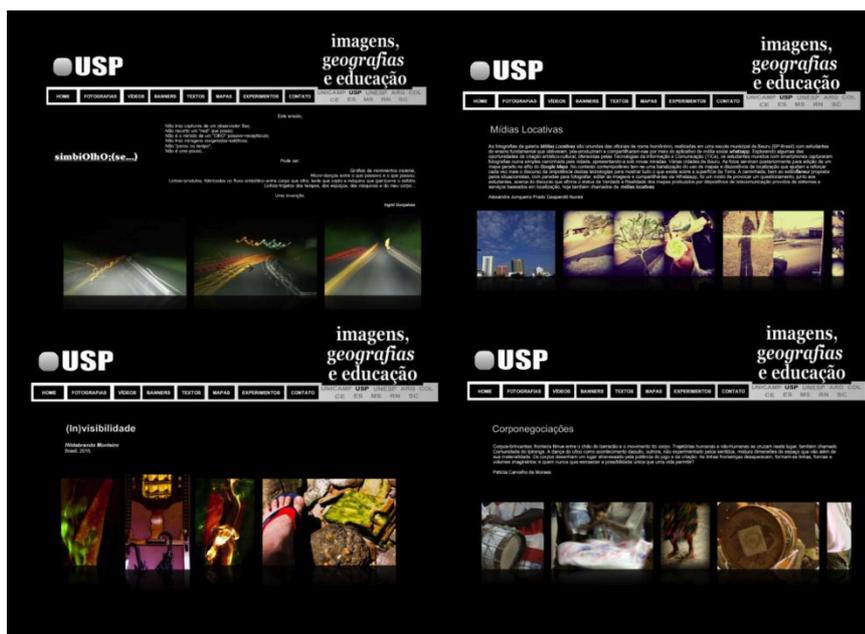


Imagem 8: As páginas de livro da janela-sala (aba) Fotografias. Print screen de acesso ao site Geoimagens. (Acesso em 09/09/2015).

Acrescentamos a este exercício derivativo, uma ideia de “pista de pouso”, como sendo a janela de entrada do corpo no navio. A organização das “caixas de joias” tem ligação direta com a hospitalidade oferecida ao navegante. O nome de cada *joia* se repete nas conexões internas do navio, ao longo das diferentes janelas. Perceba, na

imagem 09, cinco conexões internas destacadas na cor vermelha para as quais utilizamos a mesma nomenclatura, referindo-se à joia “cazetta_2013a”, e ao Pólo USP.

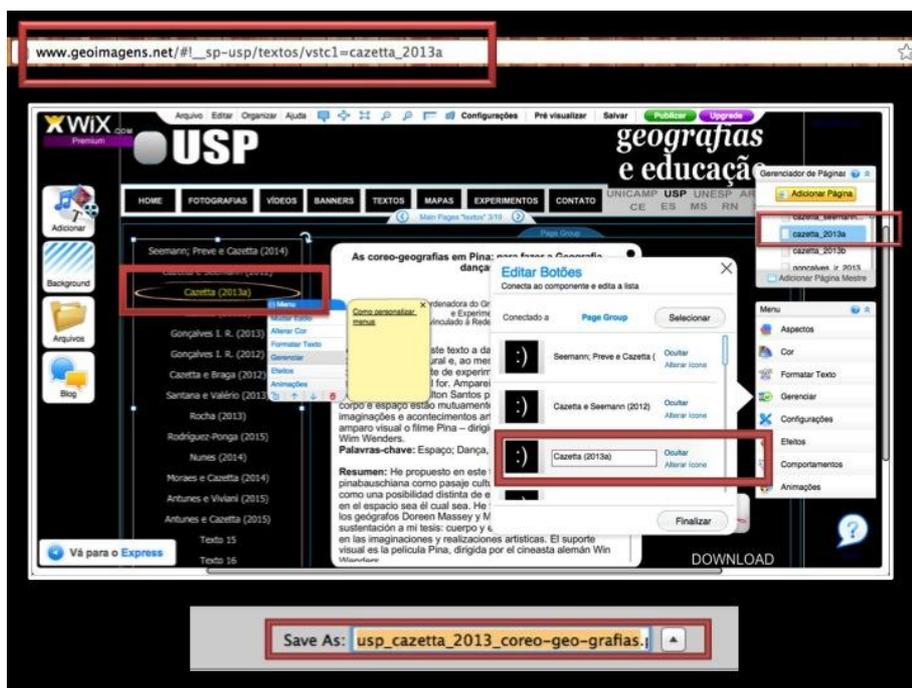


Imagem 9: Algumas conexões de uma joia. . Print screen de acesso ao site Geoimagens. (Acesso em 09/09/2015).

4.2) Home:

O logotipo do Miragem é uma joia importante, pois se trata do ponto de partida do “plano de hospitalidade” aos navegantes da página do Pólo São Paulo. Ao selecionar imagens, fontes, cores etc, buscamos conectá-las com as demais janelas desta embarcação, não apenas a partir de enunciados textuais, mas experimentando outras possibilidades do wix. A partir do logotipo, enunciamos o nome do grupo, escrito de modo “artístico-artesanal” e de maneira mais evidente na legenda. Como escrever a palavra Miragem, sem cair na figuração? A um artista que encontrou no *I Colóquio Internacional A educação pelas imagens e suas geografias*, a profa. Valéria Cazetta questionou-o: “A que remete se eu te pedir para desenhar algo, pensando na palavra miragem?” O jovem devolveu-lhe um papel com o desenho feito à mão, utilizando um lápis, que, posteriormente, foi digitalizado e tratado em um software livre e disponível online, chamado PixLR Editor (<https://pixlr.com/editor/>). Depois escolhemos as cores e a textura do logotipo de modo experimental, percorrendo as opções disponíveis no software e salvando as etapas resultantes. Escolhemos o último desenho demonstrado na série (Imagem 10), com fundo chapado e cor próxima ao “amarelo queimado”, evidenciando, por meio da cor preta, o destaque ao traçado feito pelo artista na folha de papel.

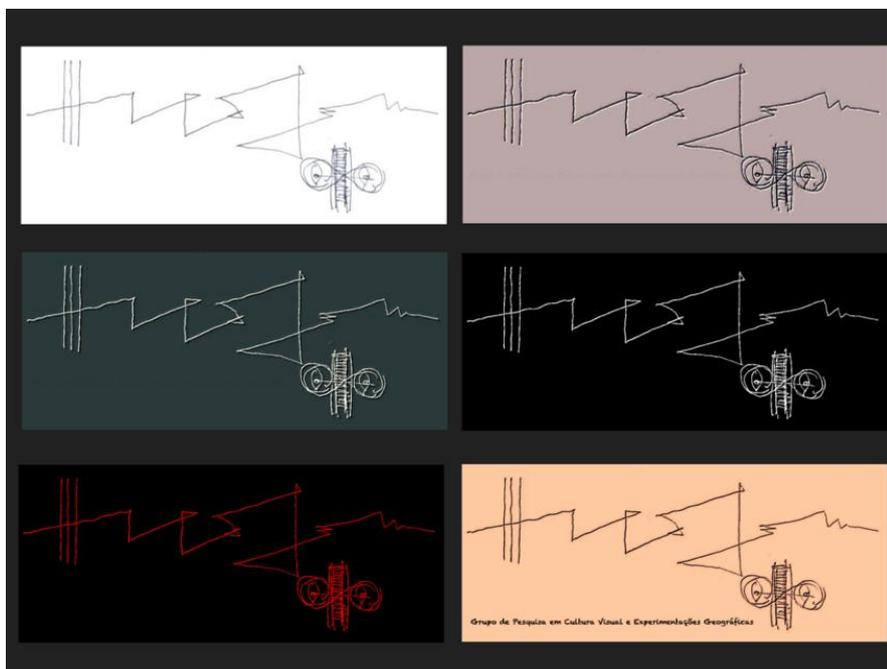


Imagem 10: Estudo de cores do logotipo do Miragem 01 a partir de desenho original feito à mão.

Em um segundo momento, buscamos trazer além das cores, uma textura à imagem, de modo, inclusive, a dialogar com a animação-caixa-de-jóias da aba Fotografias do website do Pólo São Paulo, que, ao colocar em destaque algumas jóias-fotografias das produções fotográficas do Miragem, simula uma televisão fora do ar. A partir da última arte, exposta no estudo da imagem 10, experimentamos algumas possibilidades no referido editor de imagens, chegando então à joia-logotipo utilizada atualmente. As experimentações desta segunda etapa seguem demonstradas na imagem 11.

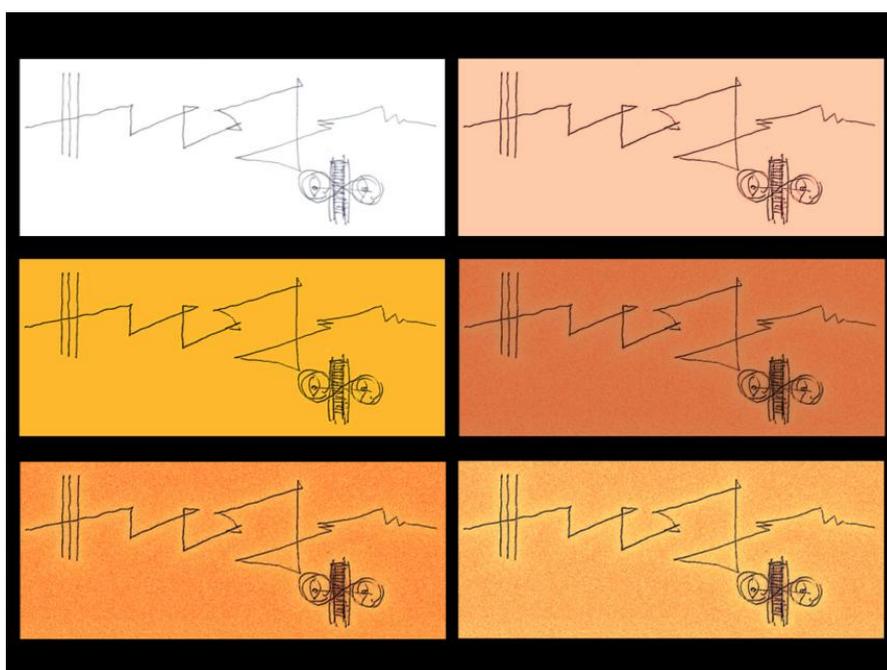


Imagem 11: Segunda etapa de estudo de cores e textura do logotipo do Miragem a partir de desenho original feito à mão.

4.3) Fotografias, banners, mapas e textos:

As fotografias são joias organizadas por meio de galerias de imagens, constituídas como páginas delivro (caixas de joias), na “janela-sala”, ou aba temática “Fotografias”. Dada a importância das imagens para nossas pesquisas, alguns membros do Pólo São Paulo, têm organizado suas produções imagéticas de modo a dialogar com as discussões efetuadas em nossas reuniões semanais. Buscamos nomear as joias-imagens seguindo um padrão conectivo, por exemplo: “usp_cazetta_2015_trajetorias_01”; “usp_cazetta_2013_tatuagens-geográficas”. Há uma escolha estética na galeria animada de destaques, localizada no centro da tela, do lado esquerdo. A série imagética organizada nesta caixa de joias, possui algumas fotografias “pinçadas” das galerias individuais, e constitui-se em uma galeria de imagens animada, remetendo à uma televisão fora do ar, ao efetuar as transições entre as joias-imagens. Dialoga com o ruído granulado da joia-logotipo.

A organização das joias-banners, mapas e textos, seguem a mesma ideia das joias-fotografias. Buscamos manter um padrão de nomenclaturas que permita identificar e conectar as joias entre as demais janelas.



Imagem 12: Exemplo organizacional das joias-arquivos do Pólo SP.

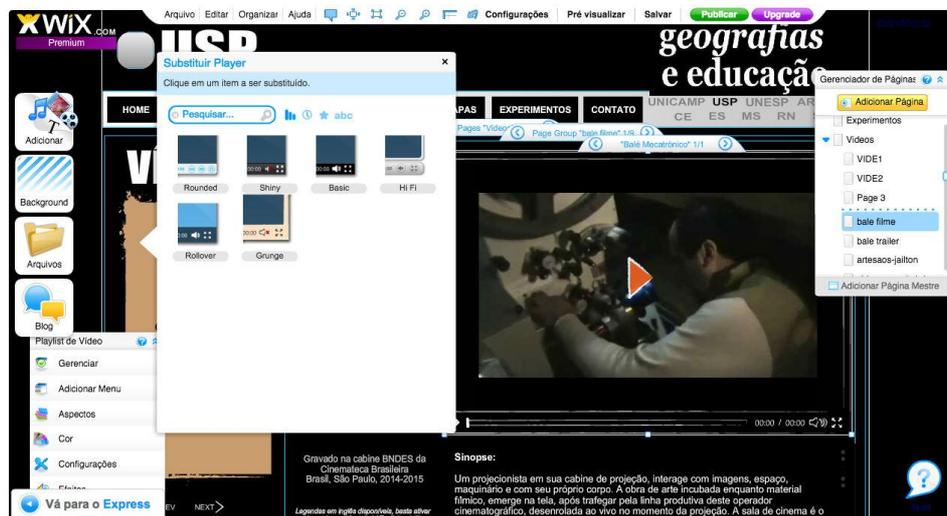


Imagem 13: Exemplo organizacional das joias-arquivos de vídeo com a caixa de joias-player do Pólo SP.

4.4) Vídeos:

A inserção de um vídeo por meio do wix inicia-se informando à ferramenta, qual é o link do respectivo vídeo no youtube. Posteriormente, o vídeo aparecerá em uma miniatura, possibilitando efetuarmos a configuração do player. No Pólo SP, escolhemos um tipo de player, que dialoga com a proposta estética iniciada em nossa joia-logotipo, elemento que, conforme dito, iniciou nosso plano de hospitalidade. (Imagem 13).

4.5) Experimentos:

Anteriormente denominada de aba *Eventos*. Decidimos utilizar o nosso blog (<http://www.miragemcveg.blogspot.com.br/>) para divulgar as participações do grupo em eventos, e alocar neste espaço projetos transversais ou que remetem à outras linguagens, realizados pelo Pólo São Paulo. Os cuidados com as joias aqui são experimentais, dialogando com a proposta desta janela, mas de qualquer modo, buscamos seguir alguns padrões estabelecidos em outras abas. Para esta página de livro a joia que disponibilizamos até então, é o projeto de experimentações sonoras LadyAcid⁵.

4.6) Contato:

O formulário de contato é a joia desta janela. Esteticamente, ele dialoga com as mesmas cores da home page do Pólo São Paulo, pista de pouso desta deriva. O e-mail do grupo está configurado neste formulário.

5. Considerações Finais: as miragens das máquinas de horizontes

Você, o navegante-pássaro com atenção cartográfica, busca algo, um fio puxado de uma situação. Sua atenção flutua em um plano macro, no qual tudo merece atenção, mas sem foco específico, voando em grandes altitudes para mergulhar em elevadas profundidades. Seu corpo háptico mantém a atenção à espreita. Algo chama a atenção do seu corpo-pássaro-*www*, e você reduz a escala, pousando em navios-websites num movimento de busca de algo ou alguém. Entendendo o pouso “como uma parada no movimento” (Kastrup, 2009, p. 35) e a relação entre voos e pousos como correlacionadas com “um ritmo ao pensamento” (p.35), podemos intuir que o tempo de pouso dos “corpos-hápticos-alados” nos navios, está diretamente relacionado com a hospitalidade preparada pelo condutor da embarcação.

Buscamos demonstrar neste exercício de escrita a maneira como o Miragem tem conduzido seu navio-website, enquanto Pólo São Paulo da Rede Geoimagens. Não contamos com pesquisadores de áreas correlatas à informática ou mesmo as supracitadas (biblioteconomia, arquitetura da informação) e, nesse sentido, adotamos uma condução experimental e inventiva, aliando nossas leituras e estudos com a descoberta desse território online. Pensamos como Rolnik (2014), ao dizer que as referências teóricas do cartógrafo “podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia”; o cartógrafo como um “antropófago”, um mergulhador na “geografia dos afetos”, interage, embarca “na constituição de territórios existenciais”, sem receio dos movimentos e permitindo ao seu corpo “vibrar todas as frequências possíveis”, ele “aceita a vida e se entrega”, de “corpo e língua”, compreendendo que os caminhos não estão dados, são *ad hoc*, “ele sabe que deve inventá-los em função daquilo que pede o contexto em que se encontra” (p. 65-66).

⁵ www.ladyacid.com.br

Para Deleuze e Parnet (1998, p.65), um agenciamento é um “co-funcionamento, é a ‘simpatia’, a simbiose”. Uma chave importante: o repertório. Nos pousos, ele se conjuga com os operadores conceituais como em uma simbiose, interação que atravessa corpo e tecnologia, via acoplamento homem-máquina-hardware-software-rede-wix-navio, tratando-se de uma conjunção na qual corpo-humano e corpo-máquina não se distinguem, se mesclam. Uma joia que se agencia com o navegante, como as joias de Mana Bernardes, consideradas por ela mais como poesias processuais do que produtos - ao mesmo tempo que são fins, são meios. A utilização da cartografia como linguagem mediadora neste texto, busca aproximar, implicar e, de certa forma, produzir afetos e afastar o estranhamento dos pesquisadores da Rede Geoimagens com a plataforma wix (ferramenta administrativa do referido website). Percebemos por meio das experimentações realizadas, possibilidades organizacionais efetivas das páginas dos pólos, em especial, as propostas de potencialização relacional das cinco janelas-tipo, de modo a transmutar o referido website em uma potente “máquina de horizontes”, como descrito por Márcio-André, isto é, as janelas, que, além de “iluminar, arejar e fazer circular o ar”, também possibilitam trocas, experimentações e potencializações, pois os territórios da world wide web constituem-se como peças-linhas-diagramáticas que atravessam nosso corpo. Inventamos mundos e, “como janelas, somos o mundo” sempre que “olhamos por uma janela vislumbramos a paisagem encerrada em nós mesmos”⁶.

6. Referências Bibliográficas

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, V. (2009). *Cartografar é acompanhar processos*. In: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (Org.) *Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p. 52-75.

BELTING, Hans. (2014). *Antropologia da imagem - Para uma ciência da imagem*. Lisboa: Krym+Eaum.

COELHO, Alberto d'Avila. (2009). *Instalações interativas computacionais: exercícios de contemplação interfaceada de sensações*. Doutorado em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil. Orientador: Emilio Martinez.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2004). *O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2012b). *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5*. Tradução de Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34,.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2012a). *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34,.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. (1998). *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta.

⁶Ensaio “Hopper e a máquina de horizontes”, de Márcio-André. Disponível em: <http://www.marcaoandre.com/textos_ensaios_hopper.htm>

KASTRUP, V. (2009). *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Orgs: Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. (2014). *Cartografar é traçar um plano comum*. In: Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Orgs: Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco. Porto Alegre: Sulina. Vol2.

OLIVEIRA, T.R.M; PARAÍSO, M.A. (2012). *Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação*. Pro-Posições, São Paulo v. 23.

ROLNIK, Suely. (2014). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2ª edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 247 p.

VIDOTTI, S. A. B. G.; SANCHES, S. A. S. (2004). *Arquitetura da informação em Websites*. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 2., 2004, Campinas. Anais... Campinas: UNICAMP,. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=8302>>. Acesso em: 01 out. 2015.